

Cartografias da (r)existência

Estado: Mato Grosso (MT)

Etapa de Ensino: [Ensino Médio](#)

Modalidade: [Educação Regular](#)

Disciplina: [Artes](#), [Sociologia](#)

Formato: [Presencial](#)

+ **Aline Debossan Velozo**

Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT), pesquisa (r)existências femininas na vida cotidiana a partir de epistemologias feministas, cartografia e autoetnografia. Mestre em Educação, pedagoga e socióloga, atua na formação docente, na gestão de projetos educativos e culturais, com ênfase em gênero, cultura e produção de saberes situados.

Objetivos

- Promover a reflexão crítica sobre as normas de gênero a partir da experiência sensível com o corpo e o território, utilizando práticas cênicas e cartográficas como linguagens pedagógicas interdisciplinares entre a Sociologia e as Artes.
- Estimular a escuta de vivências e narrativas corporais que revelam desigualdades e (r)existências de gênero no cotidiano;
- Desenvolver a capacidade de análise sociológica dos marcadores de gênero, raça e classe presentes nas relações escolares e territoriais;
- Utilizar práticas de sensibilização, performance e cartografia afetiva como dispositivos para expressão, criação e ressignificação dos corpos na escola;
- Incentivar a produção coletiva de cenas, registros e partilhas que visibilizem experiências silenciadas ou normatizadas pelas estruturas escolares.

Conteúdo

- Gênero, corpo e território como categorias de análise sociológica.

- Normas e violências de gênero no espaço escolar e comunitário.
- Performance e cartografia como formas de expressão e investigação social.

Referência cultural:

O Caminho das mulheres: cartografias da (r)existência, de Aline Velozo.

Pesquisa de doutorado em desenvolvimento na UFMT que articula performance situada, cartografia afetiva e epistemologias feministas para escutar e visibilizar gestos de resistência de mulheres em territórios urbanos.

A pesquisa *O Caminho das mulheres: cartografias da (r)existência* investiga gestos micropolíticos de mulheres que tensionam normas de gênero na vida cotidiana. A partir de performances situadas, cartografias afetivas e escutas sensíveis, a pesquisa propõe visibilizar narrativas que emergem do corpo como território de memória, criação e resistência, com o objetivo de produzir outras formas de saber e existir nos espaços urbanos e educativos.

A pesquisa está inserida na metodologia como eixo estruturante da proposta, orientando tanto o percurso pedagógico quanto os dispositivos de escuta, criação e análise. Trata-se de uma pesquisa situada que articula corpo, território e gênero a partir da vivência com mulheres em contextos urbanos e educativos, por meio de práticas como a cartografia afetiva, a autoetnografia e a performance situada. Esses procedimentos metodológicos são adaptados à educação básica para favorecer experiências sensíveis de leitura e expressão das normas de gênero que atravessam o cotidiano escolar.

Na prática, a pesquisa contribui para o debate de gênero ao deslocar o foco das abordagens normativas para uma pedagogia que parte da escuta dos corpos e dos territórios. Ao propor a criação de mapas afetivos e cenas performativas baseadas nas vivências das estudantes, o corpo passa a ser reconhecido como lugar legítimo de saber. As estudantes são convidadas a refletir sobre como o gênero atua nas suas trajetórias — nos caminhos que percorrem, nos silêncios que enfrentam, nos espaços que ocupam ou evitam.

A experiência acumulada pela pesquisa mostra que quando a escola se abre à escuta das narrativas corporais e territoriais das alunas, cria-se um campo fértil para questionar desigualdades, elaborar vivências de dor e afirmar estratégias de (r)existência. A presença dessa referência cultural na metodologia oferece à educação básica ferramentas críticas, criativas e éticas para abordar o gênero de forma situada, respeitosa e implicada com a realidade das estudantes.

Metodologia

A proposta parte do reconhecimento do corpo como território simbólico e político, construído por normas de gênero e por experiências de vida que o atravessam. A metodologia combina práticas pedagógicas sensíveis, interdisciplinares e participativas, com ênfase na articulação entre escuta, movimento e reflexão crítica.

A cada encontro, os conteúdos serão abordados por meio de rodas de conversa, vivências cênicas, atividades de cartografia afetiva e produção colaborativa de cenas performativas. O percurso metodológico se inspira em abordagens feministas da educação e nas contribuições da cartografia

enquanto método de pesquisa e intervenção pedagógica (Kastrup, 2009; Rolnik, 2006), priorizando a escuta dos afetos, a atenção aos territórios e a criação coletiva.

Etapas da atividade:

Roda de escuta e sensibilização corporal

O primeiro encontro será dedicado à criação de um ambiente seguro e horizontal, com acolhida das estudantes e apresentação do percurso. Serão propostas práticas de respiração, alongamento e escaneamento corporal, seguidas de uma roda de conversa sobre as sensações que habitam o corpo no cotidiano escolar e comunitário.

A mediação será feita com perguntas abertas e silenciosas, que convidem à escuta interna:

- Onde meu corpo é silenciado?
- Quais espaços eu evito ocupar?
- Onde me sinto inteira?

Cartografia corpo-território

No segundo encontro, será realizada uma atividade de cartografia afetiva. Cada estudante receberá uma folha com o contorno de um corpo e será convidada a marcar, com cores e palavras, os territórios do corpo que carregam memórias, tensões, violências e potências. A seguir, serão desenhados os trajetos que percorrem cotidianamente — da casa à escola, da escola ao bairro — mapeando onde se sentem vistas, julgadas, protegidas ou invisibilizadas.

Criação de cenas performativas

No terceiro e quarto encontros, o grupo será conduzido à criação de pequenas cenas corporais, baseadas nas cartografias construídas. As estudantes serão estimuladas a expressar gestos, posturas ou ações que traduzam suas experiências com as normas de gênero e os modos de resistir a elas. A mediação será feita com atenção ao desejo, ao cuidado com a exposição e ao reconhecimento do corpo como linguagem legítima.

Partilha e intervenção pedagógica

No último encontro, será realizada uma roda de partilha aberta à comunidade escolar. As estudantes poderão apresentar suas criações (cenas, textos, desenhos ou registros visuais) e convidar professoras/es, colegas e familiares para uma conversa sobre gênero, território e escola. A culminância poderá incluir uma pequena exposição, performance coletiva ou varal de narrativas visuais.

Ao longo de toda a sequência, o papel da/do educadora/or será o de mediador/a sensível e observador/a atento/a aos atravessamentos subjetivos, respeitando os ritmos do grupo e promovendo uma escuta ativa.

Será necessário refletir previamente sobre os seguintes pontos:

- Como acolher narrativas de dor sem reproduzir exposição?
- Como criar espaços seguros para expressão do corpo sem imposições estéticas ou disciplinares?
- Como articular o conteúdo sociológico à experiência concreta das estudantes, respeitando suas referências culturais e territoriais?

A metodologia proposta reconhece que o corpo é também texto e território, e que práticas artísticas situadas podem funcionar como dispositivo pedagógico para ler, narrar e transformar as experiências de gênero vividas pelas/os estudantes. Essa abordagem não tem por objetivo oferecer respostas, mas criar espaços de invenção coletiva e de ampliação da consciência crítica.

Recursos Necessários

- Papel A3 ou cartolinas (1 por estudante).
- Canetas coloridas, lápis de cor e giz pastel.
- Impressão do contorno de um corpo humano em folha A4.
- Aparelho de som ou caixa amplificadora.
- Músicas instrumentais para sensibilização corporal.
- Celular ou câmera para registros fotográficos (1 por grupo).
- Cadeiras organizadas em círculo.

Duração Prevista

5 encontros de 2 horas cada, totalizando 10 horas de atividade.

A proposta pode ser desenvolvida ao longo de 1 a 2 semanas, conforme a organização do calendário escolar.

Processo Avaliativo

A avaliação será processual, qualitativa e participativa, considerando o envolvimento das estudantes nas rodas de conversa, nas práticas corporais e nas criações performativas. Serão observados o engajamento nas atividades propostas, a escuta respeitosa, a capacidade de reflexão crítica sobre as experiências compartilhadas e a produção de cenas ou registros que expressem a relação entre corpo, território e gênero. Não se avaliará desempenho técnico ou estético, mas sim a implicação subjetiva no processo e o respeito às singularidades. A avaliação final poderá incluir uma partilha coletiva, na qual as estudantes verbalizem ou representem o que aprenderam e como se sentiram ao longo da sequência, reconhecendo o próprio percurso de elaboração e expressão.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2019.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: GONZÁLEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KASTRUP, Virgínia. **O método da cartografia e os quatro planos da experiência**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 31 maio 2025.